

**TÍTULO:**  
**REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO E A VIOLÊNCIA URBANA: BREVE  
DESCRIÇÃO DOS GRUPOS DE EXTERMÍNIO E O “MÃO BRANCA” NA  
CAMPINA GRANDE DOS ANOS DE 1980.**

Autor (a): Ac.Luciana Estevam da Silva.

\*

**RESUMO:**

O cotidiano colocado na historiografia da cidade como uma história de “coisas pequenas”: gestos simples ou sofisticados, das relações sócio-afetivas, das reações repetidas... Assim apresentamos um dos objetivos do referido trabalho, descrever o conceito cotidiano a partir das referências de Michel de Certeau e Maria Izilda Santos Matos. Bem como, realçar neste cotidiano, aspectos do medo, da violência urbana e a formação de grupos de justicamento privado, entre eles o “Mão Branca”. Grupo este que atuou em Campina Grande durante o final da década de 1970 e os três primeiros anos de 1980.

PALAVRAS CHAVE: Cotidiano, Violência Urbana e Grupos de Extermínio.

**CORPO TEXTUAL:**

O presente artigo, resultante das leituras realizadas durante o primeiro semestre da Pós Graduação em História, em específico da Disciplina Cultura e Lazer na Cidade, pretende realizar uma breve reflexão sobre o cotidiano na ótica de vários estudiosos sobre o assunto, bem como, enfatizar como nas ações cotidianas os agentes sociais e históricos da cidade elaboram as suas redes de convivência e sociabilidades, descrevendo sobretudo, como a Campina Grande dos anos de 1980 foi palco de ações violentas de um grupo armado que exterminava indivíduos considerados “desviantes”, o conhecido “Mão Branca”.

---

\* Aluna ingressa no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) UFCG.

A partir do conceito **cotidiano** podemos pensar o dia-a-dia dos indivíduos, ou, um estudo das relações miúdas como: o trabalhar, o comer, o relacionar-se, o namorar, o estudar, enfim, qualquer ação coletiva ou individual. Ou ainda:

“o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (CERTEAU, 1996:31).

Os estudos sobre o Cotidiano de acordo com Maria Izilda Santos Matos só foram possíveis no campo histórico a partir de uma revisão dos instrumentos de pesquisa, ou ainda, como afirma a autora quando houve uma “redescoberta” do cotidiano, já que no campo histórico a obra francesa dos editores Hachette :

“La vie quotidienne” fora lançada em 1930, mas a “importância dada à vida cotidiana só cresceu, especialmente a partir da década de 1960, com a publicação do estudo de Braudel ‘Civilização material e capitalismo’” além da contribuição de outros historiadores dos Annales, destacando” a importância de uma história que se ativesse à vida cotidiana – tanto material, quanto mental – das sociedades do passado... na descrição de hábitos físicos, gestuais, alimentares, afetivos e mentais”.(MATOS, 2002: 21 e 22.).

Levar em consideração o estudo do cotidiano e a recuperação das experiências do passado que focalizem “os de baixo”: “populares como camponeses e operários”, “marginalizados”, mulheres e grupos étnicos é também dialogar com vários campos do saber, é fazer da história um campo interdisciplinar. Segundo Matos:

“os estudos do cotidiano têm se mostrado um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstruir experiências excluídas. Nesse sentido, aproximaram-se particularmente da psicologia e da antropologia, influências que sem dúvida favoreceram a ampliação de áreas de investigação histórica na análise do mundo privado de diferentes setores sociais”.(MATOS, 2002:23).

Destarte, nesses aspectos, nossa pesquisa, ao investigar o grupo de extermínio “Mão Branca”, leva em consideração a participação dos “populares” bem como, outras categorias sociais, na elaboração do imaginário sobre o “mito”, sobre os “justiceiros” ou “mocinhos”, ou ainda, como alguns “marginalizados” foram vítimas da ação do referido grupo, associados à marginalização e a pobreza, considerados “classes perigosas”.

Ao elaborar nosso trabalho ponderamos a possibilidade de elencar sobre o cotidiano, a violência urbana e a atuação de Grupos de Extermínio a exemplo do “Mão Branca”, que entre

outros fatores, combatiam a miséria e seus elementos “perigosos”, como respectivo remédio de combate ao “mal”. Traçando aspectos de Campina Grande no final da década de 1970 e três primeiros anos de 1980, momento em que, a cidade aumenta seu número de favelas e populações pobres em torno das mesmas, devido ao acréscimo populacional e crises sócio-econômicas no Brasil, assim como em todo o Nordeste. Segundo a historiografia local:

“anos em que viriam, em certo sentido, desconstruir os discursos das elites sobre o pujante progresso da cidade e as levariam a redefinir algumas de suas falas, mesmo porque, como em todo o país, os tempos áureos do ‘milagre’ já perdiam sua irradiação e a crise econômica batia todas as portas...” (SOUZA, 1993:111)

E ainda:

“A chegada mais acentuada das populações ‘pobres’ a Campina Grande nas décadas de 1970 e 1980, associada ao aumento da crise econômica vão pressionar a demanda de moradia e conseqüentemente o aumento dos aluguéis e do preço de terrenos na área urbana...gerando favelas e cortiços...” (SOUZA, 1993:111. Grifos meus).

Verificamos na pesquisa que, além do aumento das favelas e bolsões de pobreza como ambiente propício a violência e o combate a mesma, de acordo com alguns autores, é bem “verdade que a existência de grupos de extermínio não é fenômeno recente na sociedade brasileira tendo sido detectado desde a história colonial” (ADORNO, 1990), dos conflitos seculares entre índios e bandeirantes, quilombolas e capitão do mato, entre Casa Grande e senzala, grileiros e posseiros, cangaço e volantes, entre coronel e os moradores, nos dias atuais da “guerra” travada entre os bandidos e a sociedade, que desemboca ao surgimento desses grupos de justificação privados nos grandes e médios centros urbanos.

Na concepção desses autores, três circunstâncias contribuem para problematizar o esforço de caracterização de grupos de extermínio e violência urbana no Brasil. Alguns admitem primeiramente que nem sempre é possível

“estabelecer com clareza as fronteiras entre a ação do grupo de extermínio e a ação de linchadores, notadamente porque possuem algumas características comuns – como o anonimato, os rituais de morte e, sobretudo as motivações de ordem moral que inclinam as ações para o desejo de vingança e liquidação judicial imediata, sem apelo a instituições de mediação – o que dificulta a distinção. Tendo em vista que é freqüente a ação do grupo de extermínio estar associada à violência policial e tenha por alvos preferenciais jovens e adolescentes. Em terceiro, porque o fenômeno enfocado envolve ações de grupos de indivíduos isolados, o que torna o fenômeno ainda mais multifacetado” (ADORNO, 1990),

As ações dos Grupos de Extermínio no Brasil apesar de remotas ainda mostram-se presentes no nosso cotidiano, principalmente nos grandes centros urbanos, como Rio de

Janeiro, São Paulo e até em capitais Nordestinas como o Recife. Denominados de **Crime Organizado, mega estruturas a serviço do crime** alguns desses grupos armados a exemplo de Organizações criminosas como **Primeiro Comando da Capital (PCC)**, **Comando Vermelho (CV)** e **Amigo dos Amigos (ADA)**, atuam em escala nacional. Todavia, dos grupos com performance local, temos o exemplo os **Thundercats** e os **Abelhas** na região metropolitana do Recife. Segundo Messias Luiz e Lúcia Helena<sup>1</sup>

“a esse respeito, um levantamento realizado nos anos de 2005 e 2006 pela Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco (SDS/PE), constatou a existência de 170 quadrilhas atuando na Região Metropolitana do Recife (RMR). Ganham destaque os chamados grupos de extermínio, desses, atuam 83 na RMR. Duas facções se destacaram na execução desse tipo de crime: os Thundercats e os Abelhas. O segundo grupo ainda está operando. O primeiro foi quase que totalmente desarticulado pelas forças de segurança pública do Estado”.

Assim como no cotidiano dos grandes centros brasileiros como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, acima citados, Campina Grande através do “Mão Branca”, não deixou a desejar. Através da atuação desse grupo de justiça privada, os Jornais Diário da Borborema<sup>II</sup> e Jornal da Paraíba, diariamente divulgavam informações. Estampando em suas páginas “O Listão” com nomes das prováveis vítimas escolhidas pelo “Esquadrão da morte”. Assim como, enquetes com entrevistas de populares onde, hora se expressavam favoráveis, hora desfavoráveis as ações dos mesmos. Opiniões divergentes, já que alguns expressavam o clima insegurança e medo, enquanto outros, aceitavam o fato com naturalidade e até passividade, visto que, a cidade começara a ficar deserta, pois, os marginais ali descritos (no “Listão”) estariam fugindo para outros municípios e até outros Estados com medo de morrer.

O sentimento de insegurança tem gerado mais angústia e medo na sociedade, nesses últimos tempos tais sentimentos têm alcançado todas as classes sociais, dos guetos aos bairros mais abastados das cidades. O medo está presente em várias maneiras:

“O medo do aquecimento global, do subdesenvolvimento, do crime organizado, das armas nucleares, do imperialismo, do terrorismo, são apenas alguns dos muitos medos que vivenciamos. Porém, existe um medo que está muito mais próximo do nosso cotidiano: o medo da violência urbana. Medo e violência parecem mesmo andar juntos (CERQUEIRA, F.º.: 1993.)

---

<sup>1</sup> Anais do Iº SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO : “POR UM ESPAÇO GEOGRÁFICO SEM CÁRCERES PÚBLICOS OU PRIVADOS”. Autores: Messias Luiz e Lúcia Helena: **Thundercats e Abelhas :Medo e Violência na Pós-modernidade: a Ação dos Grupos de Extermínio em Pernambuco**. UFPE – Programa de Pós- Graduação em Geografia, Recife, 2007.

<sup>II</sup> Durante a pesquisa aos acervos Diário da Borborema encontramos um periódico datado de 20/04/1980, onde, traz inúmeros nomes de vítimas dos “Mão Branca”, página aberta à manchete: “O LISTÃO”. Concluímos, que a divulgação pública da referida lista de pessoas a serem exterminadas era uma forma de chantagear várias pessoas ligadas de uma forma ou de outra os criminosos campinenses.

O sentimento de insegurança e medo nas cidades é real, imbuídos destes sentimentos atuam os grupos de extermínio, organizações criminosas típicas de regiões pobres, com atuação ainda restrita, surgem para criar uma “falsa segurança”, dando um suporte à sociedade que o Estado não consegue dar. Em meio às brechas deixadas de maneira proposital ou não pelo Estado tais grupos se inserem, criando uma nova ordem, exterminando as “mazelas” ou “grupos perigosos”. Até então, esses grupos não são uma ameaça aos demais membros da sociedade, exceto aos refugos humanos, os vagabundos.

Contudo, diante da fragilidade do Estado em garantir a efetivação dessas ações, a segurança pública torna-se privada. Para Bauman

“O Estado contemporâneo já não pode cumprir a promessa social e seus políticos não a repetem mais. Em vez disso, seus programas prognosticam um apelo ainda mais precário e arriscado por um monte de malabarismos, ao passo que tornam quase impossíveis os projetos de vida. Eles pedem aos eleitores que sejam mais ‘flexíveis’ (ou seja, que se preparem para ter mais insegurança no futuro) e busquem individualmente suas próprias soluções individuais para problemas socialmente produzidos” (BAUMAM: 2005, 112).

Enquanto isso , os grupos de justiça privada cumprem dentro de suas “comunidades” o papel de protetores, oferecendo uma falsa segurança aos moradores. Contudo, são agraciados muitas vezes, aqueles que contribuírem na forma de pagamento dos serviços ou que apóiam as suas ações. Essa frágil relação entre aqueles que oferecem segurança e aqueles que são segurados existe porque as favelas e lugares segregados da cidade (bairros populares, becos e cortiços), como o verificado em Campina Grande entre 1970 e 1980, tornaram-se espaços não só de exclusão mas um destino certo aos refugos humanos, que lá são jogados à mercê da própria sorte. Torna-se natural, dentro de um espaço menosprezado pelo poder público, a ascensão de “poderes” paralelos que transformam tais espaços muitas vezes em territórios autônomos, com regras próprias. Ainda ,

“a segurança, como todos os outros aspectos da vida humana num mundo inexoravelmente individualizado e privatizado, é uma tarefa que toca cada indivíduo. A ‘defesa do lugar’, vista como condição necessária de toda segurança, deve ser uma questão de bairro, um ‘assunto comunitário’”. (BAUMAM: 2005, 112)

A pobreza associada à violência e seus “elementos perigosos” - refugos humanos, ou qualquer outra denominação depreciativa dada àqueles que vivem nos arrabaldes da cidade, vítimas de desigualdades sócio-espacial, econômica e cultural, aparecem nos trabalhos de Chalhoub<sup>III</sup>, Arrais<sup>IV</sup> e Soares<sup>V</sup>. Autores estes que apesar de analisarem temáticas variadas

---

<sup>III</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. O autor inspirado nas obras de E.P. Thompson sobre ações coletivas da multidão inglesa no século XVIII, problematiza a violência no meio

forneem uma importante contribuição ao nosso trabalho, a de como entender o cotidiano daqueles que compunham o “listo” de mortes publicado no Jornal Diário da Borborema na deca de 1980. Verificamos que se tratava em sua grande maioria de “marginais, ex-detentos, familiares e amigos de presos, membros da própria polícia e pessoas ligadas à Comissão de Justiça e Paz” que fora constituída para investigar e coibir as aoes de violência abusivas do referido grupo de extermínio “Mão Branca”.

Na complexibilidade de escrever mais uma peça da história da cidade e seus aspectos cotidianos, no exposto, os problemas da violência urbana; apreendemos vazios deixados nesse momento, dos quais buscarão soluoes no decorrer da pesquisa. Contudo, assim como alguns historiadores tentamos descrever alguns...

“...detalhes do cotidiano quase invisível , dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas de lado. Mas nesse inventivo de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma”.(PRIORE:1997, 398).

---

popular, porém, não se preocupa em fazer a recuperao das dimensões históricas e seus antecedentes manifestos em comunidade, e como tal, não estuda que sentido são tomados pelos membros em grupo.

<sup>IV</sup> **ARRAIS**, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911**. Natal: EDUFRN, 1998. Realizam um trabalho sobre Recife, os conflitos e as representaoes simbólicas, levando em consideraõ a territorialidade, as bandas recifenses e o noticiamento das mesmas pela imprensa. O caráter disciplinador que tinham os jornais ao anunciar os lugares sociais: a exemplo dos populares e o lugar da elite, os capoeiras, os Brabos, os pastoris e as Festas populares.

<sup>V</sup> SOARES, Carlos Eugenio Libano. Festa e Violência: Capoeiras e as Festas Populares na Corte do Rio de Janeiro (1809-1890). In CUNHA, Maria Clementina Pereira (org) . Carnavais e outras f(r) estas. Ensaio de história social da cultura. Campinas: editora da UNICAMP, Cecult, 2002. Faz uma importante descrio do lugar social dado aos grupos de capoeira e os conflitos urbanos, onde, tais grupos forma tidos no início do século XIX como marginais e perigosos.

## BIBLIOGRAFIA

### ➤ Fontes Primárias:

#### ✓ Jornais e Revistas:

**DIÁRIO DA BORBOREMA**, de 01 a 25 de Março de 1980.E, de 01 a 30 de Abril de 1980.

**JORNAL DA PARAÍBA**, de 01 a 25 de Março de 1980.E, de 01 a 30 de Abril de 1980.

#### ✓ Processos Crimes:

Tribunal de Justiça da Paraíba. Comarca de Campina Grande. Juízo da Segunda Vara do Tribunal do Júri. Distribuição nº. 3431/80, nº. 020-Volume 01; pp. 255pgns. Volume 02, pp.: 250-487; Volume 03, pp. 491-745; Volume 04, pp.: 746-997; Volume 05, pp.: 998-1359 e Volume 06, pp.: 1360-1467. Ano de 1980.

#### ✓ Teses/Dissertações Acadêmicas e Artigos Científicos:

**Anais do Iº SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO : “POR UM ESPAÇO GEOGRÁFICO SEM CÁRCERES PÚBLICOS OU PRIVADOS”**. Autores: Messias Luiz e Lúcia Helena: **Thundercats e Abelhas :Medo e Violência na Pós-modernidade: a Ação dos Grupos de Extermínio em Pernambuco**.UFPE – Programa de Pós- Graduação em Geografia, Recife, 2007.

**PAIVA**, Leila Maria Luciano de. **”Justiça pelas próprias mãos: Análise do Grupo Extermínio Mão Branca no Município de Campina Grande - Paraíba (1978-1982)”**. João Pessoa (PB), 2000.

**SOUZA**, Antonio Clarindo B. de. *A construção da imagem da cidade grande*. In: SOCIEDADE, CULTURA E LAZER NA CAMPINA GRANDE DOS ANOS 50 A 60.Doutorado.

#### ✓ Livros:

**ADORNO**, de Abreu, S.F. **Violência Urbana, Justiça Criminal e organização social do crime**. São Paulo, Núcleo de Estudos da Violência – USP, 1990. Mimeo.

- ARRAIS**, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911**. Natal: EDUFRRN, 1998.
- BAUMANN**, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BICUDO**, Hélio Pereira. **Meu depoimento sobre o Esquadrão da Morte**. São Paulo: Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, 1. e 2. ed. out. 1996.
- CASSIERER**, Ernest. **Linguagem e Mito**. 3ª ed. SP: Perspectiva, 1992.
- CERTEAU**, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tomo 1: Petrópolis, Rio de Janeiro.
- CERQUEIRA**, Fº., Gisálio. **A Ideologia a Favor e a Ignorância Simbólica da Lei**. Vice Governadoria do Rio de Janeiro, CEUEP-Centro Unificado de Ensino e Pesquisa: Rio de Janeiro, 1993. Vozes, 1994.
- CHALHOUB**, Sidney. **Cidade febril**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996,
- CHALHOUB**, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- FAUSTO**, B. **Crime e Cotidiano**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- GINZBURG**, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MATOS**, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, Cidade e Trabalho**. Bauru, SP : EDUSC, 2002.
- PRIORE**, Mary Del. in: Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.).- Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SOARES**, Carlos Eugênio Líbano. **Festa e Violência: Capoeiras e as Festas Populares na Corte do Rio de Janeiro (1809-1890)**. In CUNHA, Maria Clementina Pereira (org) *.Carnavais e outras f(r) estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: editora da UNICAMP, Cecult, 2002.
- SOUZA**, Fábio Gutenberg Ramos Bezerra de. Os paradoxos de um processo de urbanização; o caso de Campina Grande (1935-1990). **Cadernos Nordeste em Debate**. UFPB, Campina Grande, n.1, 1993.
- WERNECK**, Chistianne. **Relações históricas: O processo de constituição do lazer no mundo ocidental**. In: Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas; Belo Horizonte; Ed. UFMG, CELAR\_DEF?UFMG.
- ZALUAR**, A. *“Violência, crime organizado e poder: a tragédia brasileira e seus desafios”*. In: VELLOSO, J.P. (org.): Governabilidade, sistema político e violência urbana. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.